



ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND: UMA COMPARAÇÃO ENTRE DUAS TRADUÇÕES À LUZ DA TEORIA DA FUNCIONALIDADE

ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND:
A COMPARISON BASED ON SKOPOSTHEORIE

Ana Miriam Carneiro Rodriguez¹

*Mestranda - Programa de Pós-graduação em Letras - Universidade
Vale do Rio Verde - Três Corações – MG Bolsista CAPES*

Resumo: No presente trabalho analisam-se duas traduções do conhecido livro **Alice no País das Maravilhas**, de autoria de Lewis Carroll, visando perceber a influência do público-alvo nas escolhas do tradutor, inferindo-a com base na Teoria da Funcionalidade (também chamada de Teoria do Escopo) de Katharina Reiss e Hans J. Vermeer (1989). A primeira publicação analisada é de Maria Luíza Borges, publicada sob o nome de tradução em 2009 para o público adulto. A segunda é a tradução de Nicolau Sevcenko, veiculada para o público infantojuvenil sob o nome de adaptação em 1997. A corrente de pensamento base da comparação aqui apresentada afirma que a tradução deve ser voltada para a cultura de chegada, visto que é nela que o texto deve cumprir seu papel comunicativo. Dessa forma, são os aspectos da cultura de chegada que mais influenciam a tradução, e não os da cultura do texto-base. Neste artigo, realiza-se também uma breve discussão sobre os conceitos “tradução” e “adaptação” segundo as teorias dos Estudos da Tradução. A partir da análise comparativa feita entre texto-base, tradução e adaptação de **Alice's Adventures in Wonderland**, conclui-se que o objetivo que o tradutor tem com seu texto e o público-alvo da tradução é extremamente relevante no processo tradutório, já que influencia as escolhas que o profissional da tradução faz durante esse processo, pelo menos, nas escolhas relativas a vocabulário, estrutura, estilo e relevância das passagens (quais podem ser omitidas e quais devem ser mantidas) visando o funcionamento do texto traduzido em seu contexto de circulação/recepção.

Palavras-Chave: **Alice no País das Maravilhas**; Influência do público-alvo; Teoria da Funcionalidade.

Abstract: *This paper analyzes two translations of the popular book **Alice's Adventure in Wonderland**, by Lewis Carroll, and aims to realize the influence of the target audience in the translator's choices based*

¹ anamcrodriguez@gmail.com

on Skopostheorie (written by Katharina Reiss and Hans J. Vermeer (1989)). The first analyzed publication is from Maria Luiza Borges, published under the name "translation" in 2009 for adult audience. The second is the translation of Nicholas Sevcenko, published as an "adaptation" to the juvenile public in 1997. The chosen theory says that the translation should be focused on the culture of arrival, since it is the place where the text should fulfill its communicative role, thus, there are more aspects of this culture that influence the translation than the culture of the source text. This article also puts lights on a brief discussion about "translation" and "adaptation" concepts, according to the theories of Translation Studies. From the comparative analysis of original, translation and adaptation of Alice's Adventures in Wonderland, it is concluded that the goal that the translator has with its text and the translation target audience is extremely relevant in the translation process and influence the choices that the translator makes during this process, at least in the choices concerning to vocabulary, structure, style and relevance of passages (which may be omitted and which must be kept).

Key-Words: *Alice's Adventures in Wonderland*; Audience's influence; Skopostheorie.

INTRODUÇÃO

Alice's Adventures in Wonderland, de Lewis Carroll, é uma das obras mais famosas da literatura inglesa. Há quase 150 anos de sua primeira publicação, **Alice** já foi traduzida para mais de setenta línguas (dentre elas alemão, francês e português) e adaptada para cinema e teatro. Hoje, com milhares de exemplares vendidos nos mais diversos países, **Alice** é um dos livros de literatura fantástica mais difundidos em todo mundo.

Mas o que leva uma obra, depois de já traduzida para uma língua, a ser retraduzida para a mesma língua? Ou seja, o que leva as editoras a publicarem mais de uma versão de um mesmo texto? Além do lucro advindo da procura pela história (difundida por meio da tradução) e das mudanças decorrentes do caráter vivo da língua (vocábulos que caem em desuso, palavras que adquirem novos significados, mudanças ortográficas), pode-se cotar como resposta à pergunta anterior o público ao qual o texto se destina. Para que um texto seja compreendido por seu leitor, deve "falar a mesma língua" que ele, ou seja, deve conter informações, estruturas e vocabulário novos, mas apreensíveis pelo seu leitor. Pensamos que a possibilidade de lucro através da venda de livros para camadas diferentes da população (públicos-alvo diferentes) seja uma das razões que levam as editoras a lançarem uma mesma história várias vezes (sob os nomes de tradução, adaptação, tradução adaptada, adaptação resumida, entre outros).

Por saber-se o público-alvo influente no processo tradutório, neste trabalho objetiva-se perceber as marcas da influência por ele deixadas no trabalho do tradutor, em outras palavras, ressaltar de quais elementos presentes nos textos produzidos pelo tradutor podemos depreender o público ao qual a obra se destina.

Para cumprir nosso intento, nos basearemos na Teoria da Funcionalidade, de Katharina Reiss e Vermeer, que afirmam que as tomadas de decisão do profissional durante o processo tradutório devem ser orientadas de acordo com os propósitos que se desejam atingir. Sendo as versões traduzidas textos e, como tais, dotadas de propósitos comunicativos, o público-alvo

assume papel de relevância no processo de tradução, já que na relação de produção de sentido texto-contexto-autor-leitor as escolhas do tradutor para composição do material linguístico devem ser apreensíveis aos seus interlocutores (*target audience*).

Considerando os pressupostos da referida teoria, analisamos e comparamos duas versões de *Alice's Adventures in Wonderland*, que foram escolhidas por serem facilmente encontradas no mercado: a tradução de Maria Luiza X. de A. Borges (2009), publicada pela editora Jorge Zahar, e a adaptação de Nicolau Sevcenko (2002), da editora Scipione. Antes, contudo, faremos uma breve discussão sobre os termos “tradução” e “adaptação”, impressos nas capas dos textos analisados.

1 TRADUÇÃO X ADAPTAÇÃO: A QUESTÃO DA NOMENCLATURA

Há muito estudiosos da tradução vêm tentando defini-la como um ofício, uma arte ou uma ciência e, para isso, discorrem a respeito do trabalho do tradutor. Antes, contudo, é necessário que a palavra tradução seja conceituada. Qual seria sua melhor definição? Seria a substituição de material textual em uma língua por material textual em outra língua? Seria uma forma de reescrita de um material linguístico em outra língua? Seria a busca por uma equivalência semântica? Ou seria ainda a criação de um novo texto a partir de um já escrito?

Ao longo da história, vários foram os conceitos atribuídos por teóricos diferentes ao termo tradução. Para Nabokov (apud AMORIM, 2005, p. 56) a verdadeira tradução é aquela capaz de reproduzir as estruturas sintáticas e as relações associativas da outra língua tão próximas quanto possível, de maneira a transmitir o significado contextual exato do texto-base; para Dubois (1973 apud BELL, 1991, p. 05) “[...] tradução é a expressão em uma língua (ou língua alvo) daquilo que foi expresso em outra, língua fonte, preservando equivalências semânticas e estilísticas [...]”. Segundo o **Moderno Dicionário Virtual da Língua Portuguesa Michaelis**, tradução, dentre outras coisas, significa “Ato de transladar palavras, frases ou obras escritas de uma língua para outra; Imagem, reflexo”.

Das definições acima podemos depreender que, em alguma medida, seus autores associam tradução à noção de fidelidade à estrutura sintática ou ao estilo presente no texto-base. Aubert (1994) questiona o conceito de fidelidade e afirma ser o tradutor não um simples transpositor de uma obra, mas o recriador, ou até o criador de uma nova obra.

Se, de um lado, temos autores que associam o termo “tradução” à fidelidade ao texto-base, de outro, temos autores como Reiss e Vermeer (1996) que alegam que a tradução deve servir mais ao propósito do texto do que às estruturas sintáticas e estilísticas em si.

Para Reiss (2000, p. 160), “[...] a tradução interlingual pode ser definida como um processo de comunicação mediado por duas línguas que auxilia na

produção de um texto na LA (língua alvo) que é funcionalmente equivalente a um texto da LF (língua fonte)”.
De acordo com Reiss e Vermeer (1996), toda tradução é uma ação, e como tal está subordinada a seu escopo. Para eles, “[...] é mais importante que uma tradução alcance um objetivo determinado do que se realize de uma forma determinada [...]” (REISS; VERMEER, 1996, p. 84).

Rónai (1981), comentando a definição dada por Jules Legras para traduzir (“[...] traduzir consiste em conduzir determinado texto para o domínio de outra língua que não aquela em que está escrito [...]” (LEGRAS apud RÓNAI, 1981, p. 20)), aponta que, para se fazer uma tradução que conduza uma obra para outro ambiente linguístico, é necessário que sejam feitas adaptações à nova cultura do texto, ao passo que uma tradução que tenha como intuito conduzir o leitor para o país da obra deve, ao contrário, manter o que há de diferente no texto, aquilo que lhe é próprio. Dessa forma, o autor afirma a existência de traduções mais próximas estilística e sintaticamente do texto-base e de traduções com grau maior de distanciamento considerando os mesmos quesitos.

Tendo em vista as definições de tradução acima, como podemos pensar a adaptação? Seria o texto adaptado uma forma de tradução? Ou seria uma forma de transgressão? Reescrita talvez...

A fronteira entre tradução e adaptação não é bem estabelecida. Há momentos em que esses dois conceitos se apresentam tão próximos que é difícil precisar se estamos frente uma tradução ou uma adaptação. Segundo Lauro Maia Amorim (2005, p. 15), isso pode ocorrer porque a área de Tradução, em relação aos Estudos Literários e aos Estudos Linguísticos, é uma área relativamente nova e, portanto, seus pesquisadores se concentram em aspectos “[...] estritamente relacionados ao conceito de tradução [...]” e depois pela inferioridade culturalmente atribuída à adaptação quando comparada à tradução.

Nesta última década, mais destaque vem sendo dado à adaptação, principalmente no que diz respeito às adaptações intersemióticas. Hutcheon (2006) afirma ser a adaptação um produto e uma produção. Produto por ser uma transposição anunciada de outra obra e uma produção por ser um ato criativo operado em um processo específico de leitura e de interpretação textual para se materializar em uma recriação de uma obra preexistente. Para a autora, adaptação é uma nova obra na qual se relacionam o repetido e o diferente, o prazer do reconhecimento e o da novidade.

Vázquez-Ayora, conforme Amorim (VÁZQUEZ-AYORA, 1977 apud AMORIM, 2005, p. 86), afirma que “[...] é pelo procedimento da adaptação que a tradução atinge seu verdadeiro valor e seu verdadeiro dinamismo, que ela adquire uma ‘viabilidade cultural’ [...]”.

Segundo o prefácio que Cristina Carneiro Rodrigues escreveu para o livro **Tradução e adaptação: Encruzilhadas da textualidade em “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, e “Kim”, de Rudyard Kipling** (2005), de Lauro Maia Amorim, percebe-se que o termo tradução está associado à busca

pela reprodução da forma e do conteúdo do texto que é tido como original, ao passo que em uma adaptação caberia algum tipo de modificação/desvio (AMORIM, 2005).

Apesar de, normalmente, adaptação ser concebida como uma simplificação do texto-base, para Bastin (1990 apud AMORIM, 2005, p. 88) “A adaptação é tradução. Nem menos, mas talvez um pouco mais, no sentido de que ela encarna e supera um desvio particularmente grande entre duas realidades sociolinguísticas dadas ou escolhidas.”.

Frente às definições de Reiss, Vermer e Rónai e às afirmações de Vázquez-Ayora e Bastin não podemos estabelecer uma linha divisória entre tradução e adaptação, já que esses autores entendem as intervenções feitas pelo tradutor no texto durante o processo tradutório como necessárias ao funcionamento da tradução em seu contexto de circulação. Linda Hutcheon (2006) vai ainda mais longe ao afirmar que, sendo a tradução um fenômeno eminentemente transcultural e que tempo e espaço influem na significação de um texto, a própria leitura do tradutor é uma leitura com perspectivas políticas, ideológicas, sociais e culturais dentre as várias possíveis. Dessa forma, a autora sustenta que “O contexto pode modificar o sentido, não importa onde ou quando [...]” (HUTCHEON, 2006, p. 147).

Questionando o conceito de fidelidade ao texto-base tão amplamente utilizado para depreciar uma obra, Robert Stam (2008), pesquisador na área de Estudos Culturais, afirma que, ao considerarmos uma obra infiel estamos, na realidade, expressando um descontentamento por acreditarmos que a adaptação falha ao captar aspectos do texto-base que nos parecem parte da “essência” desse texto. Pensando em intermédias, o próprio autor problematiza o conceito de fidelidade, dadas as especificidades de cada uma das mídias envolvidas no processo de adaptação, por exemplo, da linguagem literária para a linguagem fílmica.

Baseando-se nos conceitos de hipertexto e hipotexto de Genette, Stam (2008) apresenta-nos a adaptação como um hipertexto, ou seja, aquele que amplia, elabora, transforma ou modifica um anterior. Para ele,

A teoria da intertextualidade de Kristeva, com raízes no "dialogismo" de Bakhtin, enfatizou a interminável permutação de traços textuais, e não a "fidelidade" de um texto posterior em relação a um anterior, o que facilitou uma abordagem menos discriminatória [das adaptações] (STAM, 2008, p. 20-21).

Em seu livro *A theory of adaptation*, Hutcheon (2006, p. 177) propõe que não nos prendamos a um sistema de classificação estanque, mas que pensemos a relação entre as obras como uma relação gradual, um contínuo, pois “No trabalho da imaginação humana, é a norma, não a exceção.”.

Neste capítulo, mais do que chegarmos a uma definição dos conceitos “tradução” e “adaptação”, nosso intento foi levantar algumas possibilidades de conceituação desses termos caros à área de estudos da Tradução.

2 A TEORIA DA FUNCIONALIDADE E A SUPREMACIA DA FINALIDADE

A Teoria da Funcionalidade, ou Teoria do Escopo, foi proposta por Hans J. Vermeer e Katharina Reiss em 1984. Segundo essa teoria, a “[...] tradução é vista como uma variedade particular da ação translatória/translacional que é baseada no texto fonte [...]” (VERMEER, 2000, p. 221). De acordo com os autores, todo ato implica um propósito, um objetivo. Sendo a tradução um tipo de ação humana, ela também tem um objetivo e, considerando esse objetivo, torna-se mais importante sermos fiéis ao efeito que pretendemos atingir com o texto traduzido (escopo), considerando o contexto no qual ele circulará, do que sermos fiéis à forma ou ao conteúdo do texto-base.

Por pensar no contexto, podemos perceber que esta teoria está mais voltada para o momento da recepção do texto do que para o texto-base em si. Para ela, mais importante que a fidelidade é a equivalência de efeito, ou equivalência funcional, que depois evoluirá para o cumprimento de uma intenção do contratante conseguida através do trabalho do tradutor. Assim, acredita-se que o tradutor aja intencionalmente durante o processo tradutório. Não que a ação do tradutor seja de fato intencional, mas entendida, interpretada pelos autores da teoria, como tal.

Pensando o tradutor como ator/agente no processo de tradução à medida que seu trabalho não consiste apenas na passagem do conteúdo de um texto em uma língua-fonte para a língua-alvo, há a necessidade de se pensar o público-alvo e os efeitos pretendidos com a tradução antes de se iniciar o processo de tradução propriamente dito. O estabelecimento de metas anteriores ao início do processo tradutório guiará o profissional durante a execução de seu intento, o que facilitará que ele alcance sua meta.

Segundo essa teoria, a tradução deve funcionar no contexto em que se propõe; por isso, qualquer interferência que o tradutor venha a fazer na tradução visando uma melhor recepção é justificável.

Um conceito importante nesta teoria é o de *commission*, que é “[...] a instrução, dada pela própria pessoa ou por outrem, para executar uma dada ação – aqui: traduzir [...]” (VERMEER, 2000, p. 229). De acordo com esse conceito, o tradutor, como prestador de um serviço contratado por outrem, tem objetivos com o texto de chegada que não são os seus objetivos (os da pessoa do tradutor); por este motivo, deve-se estabelecer um diálogo aberto entre ele e o contratante para que sejam discutidos, entre outros aspectos, a necessidade e a possibilidade da realização de determinada tradução com o propósito desejado pelo cliente.

Como, segundo essa teoria, a tradução está voltada para a cultura de chegada, visto que é nela que o texto deve cumprir seu papel comunicativo, são os aspectos desta cultura que mais influenciam a tradução, e não os da cultura do texto-base.

Resumindo a postura adotada pela Teoria de Reiss e Vermeer, o escopo influencia mais na tradução do que o texto-base; sendo assim, conclui-se que,

em cada situação de tradução deverá ser utilizada a técnica que melhor produzir o objetivo requerido. Percebe-se também que, de acordo com a teoria, o trabalho do tradutor é fazer com que o texto se torne significativo e adequado para produzir o efeito pretendido no contexto no qual circulará/no público-alvo da tradução, independente da quantidade de modificações que se fizerem necessárias.

Saindo agora do âmbito teórico, apresentaremos os textos de análise no próximo capítulo para, posteriormente, compará-los e tecermos algumas considerações.

3 CONTEXTUALIZANDO “ALICE”

3.1 A obra

Acredita-se que a história apresentada no livro teve início em um passeio de Charles Lutwidge Dodgson com as irmãs Lidell em 1862, quando, inspirado por Alice Lidell, contou partes do que posteriormente veio a se tornar *Alice's Adventures in Wonderland*, publicado em 1866 sob o pseudônimo de Lewis Carroll, e já traduzido para diversas línguas.

O livro conta a história de uma menina que, ao seguir um coelho, cai na toca dele e é transportada para um lugar fantástico onde seres humanos, cartas de baralho e animais convivem de igual para igual. Nesse lugar fantástico, Alice, dentre outras coisas, aumenta e diminui de tamanho de acordo com o que come ou bebe; discute questões existenciais com uma lagarta; toma chá com uma lebre, um chapeleiro e uma marmota; joga críquete com a Rainha de Copas utilizando ouriços como bolas e flamingos como tacos; assiste ao julgamento de um valete acusado de roubar as tortas da Rainha que estão dispostas em uma mesa durante o julgamento.

Em *Alice* podemos perceber como Carroll brinca com números (como no Capítulo 2 quando Alice tenta fazer multiplicações sem sucesso) e com a lógica (através da analogia feita entre cobras e meninas – já que meninas comem ovos, logo são um tipo de cobra – e do jogo com as palavras – se dizer que vejo o que como é o mesmo que dizer que como o que vejo), deixando transparecer sua formação em matemática.

Alice's Adventures in Wonderland é o primeiro livro de uma série composta por dois: *Alice's Adventures in Wonderland* e *Through the Looking-Glass*. Normalmente, as traduções de *Alice* trazem os dois livros em uma única edição. De qualquer forma, *Alice no País das Maravilhas* é o livro mais conhecido de Lewis Carroll e é considerado por alguns como um grande clássico da literatura infantil e por outros, exemplo da literatura *nonsense*.

3.2 A tradução de Maria Luiza Borges

Maria Luiza X. de A. Borges é uma renomada tradutora que trabalha com os mais diferentes tipos de textos. Como amostra de seu trabalho, podemos

citar **Ciência e Religião: escritos da maturidade** (1994), de Albert Einstein, *Sherlock Holmes* (2011), de Arthur Conan Doyle, **A invenção do ar** (2009), de Steven Johnson e **A história comestível da humanidade** (2009), de Tom Standage.

A tradução de **Alice** feita por Borges, publicada em 2009 pela Editora Zahar, é voltada para o público adulto não proficiente em Língua Inglesa que se interesse por uma literatura fantasiosa. Com uma tradução com mais pontos de contato com o texto de partida, a tradutora tenta manter aquilo que há de autêntico, inusitado e cultural na obra de Lewis Carroll.

3.3 A adaptação de Nicolau Sevcenko

Nicolau Sevcenko, graduado em História pela USP, atua hoje como professor nessa mesma instituição. Amante da fantasia e, por conseguinte, da obra de Carroll, Sevcenko orientou sua adaptação de *Alice's Adventures in Wonderland* para o público infantojuvenil e, em decorrência de seu intento, nota-se a preocupação do tradutor em retirar as referências feitas no texto-base à cultura da época que não seriam facilmente inferíveis por seu público leitor.

Publicado pela Editora Scipione pela primeira vez em 1997, o texto de Sevcenko compõe a série Reencontro, que tem como objetivo fazer o público infantojuvenil do fim do século XX redescobrir o prazer e a importância da leitura de clássicos, desmistificando a ideia de que textos clássicos precisam ser escritos em linguagem erudita e rebuscada.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Analisaremos agora como se realiza no texto a explicitação do intento do tradutor (via *commission*). Para análise, serão considerados aspectos como vocabulário, estrutura sintática, estilo, supressão/omissão de passagens e culturas do texto-base e do texto-alvo. A seguir, exporemos a comparação entre texto-base, tradução e versão do texto de Lewis Carroll, tendo como *corpus* de análise sempre o primeiro parágrafo de cada capítulo, no qual alterações relevantes foram constatadas². Os primeiros parágrafos foram escolhidos por serem parágrafos introdutórios e, portanto, mais fáceis de serem compreendidos quando extraídos de seus cotextos³.

² Este artigo é um recorte da monografia de conclusão do curso de Bacharel em Tradução da autora. Todos os primeiros capítulos do texto-base, tradução e adaptação foram analisados na ocasião.

³ Entendido aqui como ambiente linguístico/textual no qual o parágrafo originalmente se encontra.

<p>Texto-base <i>Chapter 1 – Down the Rabbit-Hole</i> <i>Alice was beginning to get very tired of sitting by her sister on the bank, and of having nothing to do: once or twice she had peeped into the book her sister was reading, but it had no pictures or conversations in it, “and what is the use of a book”, thought Alice, “without pictures or conversations?”. (CARROLL, 2004, p. 11).</i></p>	
<p>Tradução Pela toca do coelho ALICE ESTAVA COMEÇANDO a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “e de que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”. (CARROLL, 2009, p. 13).</p>	<p>Adaptação DESCENDO A TOCA DO COELHO Alice estava começando a se aborrecer de ficar sentada ao lado de sua irmã numa elevação do jardim, sem nada para fazer. Dava uma ou outra olhadela no livro que sua irmã lia, mas implicava: – De que serve um livro sem figuras nem diálogos? (CARROLL, 2002, p. 09)</p>
<p>Análise Podemos perceber uma diferença na configuração do diálogo: a tradutora mantém o uso de aspas, presente no texto-fonte, ao passo que Nicolau Sevchenko une as duas frases do pensamento de Alice, transformando-as em fala por meio da utilização dos dois pontos, parágrafo e travessão, característicos do discurso direto. Há também reorganização da pontuação por parte do tradutor, que opta por utilizar ponto e começar uma nova frase a seguir a pontuação do original (que utiliza ponto-vírgula e inicia uma nova oração com letra minúscula). Consideramos as opções do tradutor da adaptação mais felizes no cumprimento de seu intento, visto que no Brasil a pontuação adotada por ele é mais usual. Nota-se também que, pela necessidade de tornar o texto enxuto, o tradutor não traduz o trecho “<i>but it had no pictures or conversations in it</i>”, pois essas informações já aparecem explícitas em sua adaptação da fala de Alice (– “De que serve um livro sem figuras nem diálogos?”). Por outro lado, há a explicitação de um comportamento de Alice que não estava presente no texto-base por meio da oração “mas implicava”. Tendo o tradutor crianças e jovens como público-alvo, a explicitação de um comportamento culturalmente aceito como natural (a implicância entre irmãos) pode gerar identificação do leitor com a personagem e aumento do interesse pela leitura.</p>	

<p>Texto-base <i>Chapter 3 – A Caucus-Race and a Long Tale</i> <i>They were indeed a queer-looking party that assembled on the bank – the birds with draggled feathers, the animals with their fun clinging close to them, and all dripping wet, cross, and uncomfortable. (CARROLL, 2004, p. 28).</i></p>	
<p>Tradução Uma corrida em comitê e uma história comprida PARECIA MESMO UM GRUPO</p>	<p>Adaptação A CORRIDA DOS ENSOPADOS O grupo que se formou na</p>

<p>ESTRAMBÓTICO o que se reuniu na margem: as aves com as penas enxovalhadas, os animais com o pelo grudado no corpo, e todos ensopados, mal-humorados e indispostos. (CARROLL, 2009, p. 33).</p>	<p>margem da lagoa era realmente muito estranho. Os pássaros arrastavam as penas ensopadas, os animais tinham o pêlo colado ao corpo e todos pingavam de tão molhados, todo mundo irritado e incomodado. (CARROLL, 2002, p. 23).</p>
---	--

Análise

Segundo estudos sobre leitura (KLEIMAN, 2001), a inversão da ordem canônica da frase (sujeito + verbo + complemento) feita por Maria Luiza Borges na passagem “PARECIA MESMO UM GRUPO ESTRAMBÓTICO o que se reuniu na margem” dificulta o processamento da leitura. Pensando que o possível público-alvo da tradução de Borges são adultos acostumados com leituras mais difíceis, a inversão não se caracteriza como um problema, porém, se essa inversão fosse feita na adaptação de Sevcenko estaria indo contra o princípio da funcionalidade prezado pela Teoria de Vermeer e Reiss, pois poderia causar problemas de leitura no público infantojuvenil, menos proficiente em leitura. Dessa forma justifica-se a escolha de Sevcenko de mais se aproximar do texto-base.

Neste parágrafo, podemos notar também diferenças quanto ao vocabulário escolhido por cada tradutor para seu texto. Vemos que “*queer-looking party*” foi traduzido como “um grupo estrambótico” por Maria Luiza Borges, e como “realmente muito estranho” por Sevcenko. O mesmo acontece com “*draggled*” que, no texto da tradutora, se transformou em “enxovalhadas” e, no do tradutor, em “ensopadas”. Podemos atribuir a escolha por vocábulos mais simples, feita por Sevcenko, ao público infantojuvenil alvo de seu trabalho, visto que termos como “estrambótico” e “enxovalhadas” poderiam dificultar a leitura. Já a opção de Borges por esses termos justifica-se à medida que seu intento parece ser manter sua tradução o mais próxima do texto de Carroll, preservando o estilo e as palavras de impacto presentes na obra do autor britânico. Além disso, por destinar seu texto a um público que, caso não conheça tais palavras, tem maior habilidade de leitura para realizar inferências, suas escolhas não prejudicam o funcionamento de seu texto em seu ambiente de circulação/recepção.

Texto-base

Chapter 7 – A Mad Tea-Party

There was a table set out under a tree in front of the house, and the March Hare and the Hatter were having tea at it: a Dormouse was sittinhg between them, fast asleep, and the other two were using it as a cushion, resting their elbows on it, and talking over its head. “Very uncomfortable for the Dormouse,” thought Alice; “only, as it’s asleep, I supposed it doesn’t mind.” (CARROLL, 2004, p. 68).

<p>Tradução Um chá maluco EM FRENTE À CASA HAVIA UMA MESA posta sob uma árvore, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá; entre eles estava sentado um Caxinguelê, que dormia a sono solto, e os dois o usavam como almofada, descansando os cotovelos sobre ele e conversando por sobre sua cabeça. “Muito desconfortável para o Caxinguelê”, pensou Alice, “só que, como está dormindo, suponho que não se importa”. (CARROLL, 2009, p. 80).</p>	<p>Adaptação Um chá maluco Havia uma mesa posta, sob uma árvore, em frente à casa onde a Lebre Aloprada e o Chapeleiro estavam tomando chá. Uma Marmota estava sentada entre eles, dormindo profundamente, e os dois a usavam como uma almofada, apoiando seus cotovelos nela e conversando por cima de sua cabeça. –“Deve ser muito desconfortável para a Marmota” – pensou Alice. – “Mas, como ela está adormecida, acho que não está nem ligando”. (CARROLL, 2002, p. 61).</p>
--	--

Análise

A personagem March Hare da obra de Carroll remete à expressão corrente em países de língua inglesa “*mad as a March hare*”, baseada no comportamento estranho das lebres durante o período de reprodução. Pensando no contexto de circulação e no público-alvo da obra de Sevcenko, que são crianças e jovens que, possivelmente, ainda não têm esse conhecimento de mundo, sua escolha por traduzir “March Hare” por “Lebre Aloprada” justifica-se, pois mantém o significado da expressão “*mad as a March hare*”, ao mesmo tempo em que apaga a referência a uma informação que poderia dificultar o entendimento de seus leitores, fazendo com que o texto deixasse de cumprir seu objetivo (escopo). Já no caso de Borges, a opção por uma tradução mais literal preserva a menção à expressão inglesa necessária ao cumprimento de seu intento, que é manter seu texto o mais próximo possível do estilo de Carroll, conservando as referências à cultura de produção da obra. Podemos perceber a busca de Borges por essa proximidade também em sua opção para a tradução de “*Dormouse*”: “caxinguelê”. Como a informação de que a personagem é um caxinguelê (um tipo de esquilo) não é altamente relevante, a opção de Sevcenko pelo vocábulo “marmota”, apesar de não ser literal, cumpre o papel de tornar o texto mais acessível ao público leitor visado, fazendo-o funcionar em seu contexto de circulação. O mesmo pode ser dito da escolha do tradutor para o enunciado “*I supposed it doesn’t mind*”. Sua opção por traduzi-lo como “acho que não está nem ligando” aproxima o texto do leitor, podendo até despertar nele maior interesse pela leitura. A literalidade escolhida por Borges se sustenta em função de seu objetivo com a obra. Visto que não há necessidade de adaptar essa passagem ao seu público-leitor, uma tradução diferente de “suponho que não se importe” não cumpriria o propósito da tradutora. Por outro lado, percebe-se uma maior intervenção de sua tradução em relação à passagem “*fast asleep*”, que literalmente pode ser traduzida como “dormia profundamente”, assim como no texto de Sevcenko. A escolha de Borges por “dormia a sono solto” torna seu texto mais coloquial,

distanciando-se, assim, da obra de Carroll.

Pelos parágrafos analisados, podemos entender que Nicolau Sevcenko, já tendo ciência de seu público-alvo antes de iniciar o processo tradutório, parece ter como objetivo (visto na teoria sob o nome de escopo) tornar a leitura de **Alice** mais acessível aos seus leitores infantojuvenis, através de uma aproximação aos costumes brasileiros. Conforme citado no caso da *Lebre de Março*, Sevcenko altera alguns elementos do texto-fonte para situar **Alice** no mundo do leitor brasileiro, sem que, para isso, promova cortes. Além dessa realocação cultural, o escopo de sua ação pode ser percebido através dos vocábulos utilizados e das estruturas sintáticas escolhidas.

Com base nas mesmas categorias (léxico e gramática) podemos inferir que o propósito da tradução de Maria Luiza Borges é ser recebida por um público adulto, com maior proficiência em leitura, interesse pela cultura inglesa e pelos jogos lógico-matemáticos vividos pela protagonista do livro em sua aventura pelo País das Maravilhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise comparativa feita entre texto-base, tradução e adaptação de *Alice's Adventures in Wonderland*, concluímos que o objetivo que o tradutor tem com seu texto e o público-alvo da tradução é extremamente relevante no processo tradutório e influencia nas tomadas de decisão do profissional durante esse processo, pelo menos, nas escolhas relativas a vocabulário, estrutura, estilo e relevância das passagens (quais podem ser omitidas e quais devem ser mantidas), à medida que tanto o objetivo quanto o público-alvo orientam as escolhas do tradutor, visando o funcionamento do texto traduzido em seu contexto de circulação/recepção.

De acordo com as definições de tradução e adaptação apresentadas no presente trabalho, percebemos que tais conceitos estão em constante transformação e que a distinção que, em décadas passadas, tinha como critério de maior relevância a proximidade sintática e estilística com o texto-base do processo tradutório – chamada fidelidade –, hoje já questiona o próprio critério.

Segundo Reiss e Vermeer (1996), o bom texto é aquele que cumpre seu propósito comunicativo; portanto, uma boa tradução é aquela que consegue alcançar seu leitor e cumprir seu objetivo, independentemente das modificações que se fizerem necessárias para o cumprimento desse propósito. Ao afirmarem que o tradutor age sobre o texto em função de seu objetivo, os autores supracitados legitimam as intervenções feitas pelo tradutor na tradução e, de certa forma, sustentam que há algo de novo na tradução, ou seja, que o texto traduzido não é igual ao texto base. Há, então, em alguma medida, a associação dos conceitos de tradução e adaptação em um contínuo, conforme sinalizado por Hutcheon (2006).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio; SCHEIBLE, Ingeborg. H. J. Vermeer: A teoria da funcionalidade (Skopostheorie) e a supremacia da finalidade. In: VIERA, Else Ribeiro Pires (Org.) **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 1996.
- AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação**: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- AUBERT, Francis Henrik. **As (in)fidelidades da tradução**: servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Unicamp, 1994.
- BELL, Roger Thomas. **Translation and translating**: theory and practice. New York: Longman Inc., 1991.
- CARROLL, Lewis. **Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking Glass and what Alice found there**. London: Collector's Library, 2004.
- _____. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**: Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____. **Alice no país das maravilhas**. Adaptação em português de Nicolau Sevcenko. 9 ed. São Paulo: Scipione, 2002. (Série reencontro).
- COSTA, Cynthia. **Alice e as maravilhas de seu legado**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/alice-maravilhas-seu-legado-46121.shtml>>. Acesso em: 08 out. 2010.
- HORNBY, A. S (Org.). **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**. 7 ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2006.
- KLEIMAN, Ângela. Como lemos: uma concepção não escolar do processo. In: _____ **Oficina de leitura**: Teoria & Prática. 8 ed. Campinas: Pontes, 2001. p. 31-47.
- MODERNO Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tradu%E7%E3o>>. Acesso em: 16 nov. 2010.
- NIDA, Eugene. Principles of correspondence. In: _____. **Toward a science of translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- NORD, Christiane. **Translating as a purposeful activity**: Functionalist approaches explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.
- REISS, Katharina. Type, kind and individuality of text: Decision making in translation. In: VENUTI, Lawrence. **The translation studies reader**. London & New York: Routledge, 2000. p. 160-171.
- REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León. Madri: Akal Ediciones, 1996.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**: realismo, magia e arte da adaptação. Tradução de Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 17-41.

VERMEER, Hans. J. Skopos and commission in translational action. In: VENUTI, Lawrence. **The translation studies reader**. London & New York: Routledge, 2000. p. 221-232.